

In: Coelho, Ronaldo Simões (org.). *Todo livro ama as crianças*.
Projeto Livro de Graça na Praça. Belo Horizonte: Aletria, 2012. ps. 17-25.

Beto Vianna

Tatá é fogo ←.....

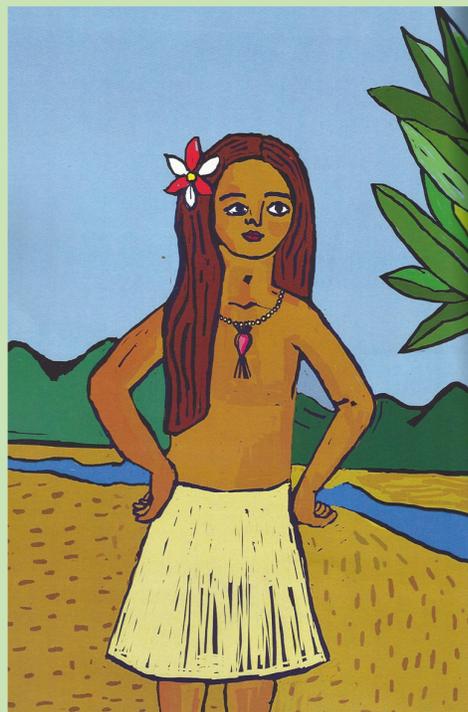


Ilustração: Eduardo Flores

Diário de João Lume, 6 de julho de 2012, de tardinha

Hoje chegamos, finalmente. Pousamos nosso avião bem no meio de uma enorme clareira da floresta, uma área cheia de igarapés, que são rios pequeninos. Alguns índios estavam lá pra nos receber e guiar nosso caminho até a aldeia. Nem bem saímos do avião e fiz amizade com uma menina que deve ter uns 8 ou 9 anos de idade, uma indiazinha chamada Cunhãbuk. Cunhãbuk quer dizer menina preta, na língua dela. Eu achei engraçado, mas eu sei que a língua muda de jeito quando a gente muda de língua. Preto é preto em português, black em inglês, noir em francês (a gente lê “no ar”), e preto é dudu numa língua da África chamada iorubá. E preto é buk na língua da indiazinha Cunhãbuk. Quem fala essa língua são os índios Poturu, que vivem nas matas do norte do Brasil, perto do rio Cuminapanema.

Hoje aprendi mais uma palavra na língua dos Potoru, e foi a menina que me ensinou: acuti, que quer dizer cutia. Ainda não sei o que quer dizer Cuminapanema. Tentei perguntar isso para Cunhãbuk, mas ela ficou só olhando pra mim e rindo. Será que ela não entendeu a pergunta?

...

Cunhãbuk nasceu pretinha da cor do carvão, e por isso ganhou esse nome que tem. Hoje a pele dela é mais pra marrom-desbotadinho, parecido com a cor da casca de uma árvore bonita que tem na floresta, o acapu. A índia mais velha ri da menina, brincando que ela perdeu o pretume de tanto se coçar com dente de acuti (Cunhãbuk adora se coçar). No começo das chuvas, lá pra janeiro, o acapu dá uma flor amarelinha que Cunhãbuk sempre deu de botar no cabelo. Cunhãbuk inventou moda na aldeia, pois hoje em dia toda menininha mal consegue ficar em pé e já sai andando por aí, toda se achando, de flor amarela de acapu no cabelo. Os meninos preferem colocar um espinho de cuandu no queixo, pra imitar o embepó, uma varetinha de madeira que as mulheres e os homens usam pregado no queixo depois que viram adultos. Agora, nessa época do ano, o acapu não dá flor. Nessa época do ano o rio Cuminapanema fica tão baixo que se um adulto fosse bem alto quase ia dar pra ele atravessar o rio a pé.

...

Diário de João Lume, 7 de julho de 2012, de manhãzinha

Ontem à noite sentamos em volta do fogo com os índios pra comer, beber e conversar. A comida é uma delícia, mas conversar foi meio difícil, porque eles não falam nada de português, e eu ainda nem sonho em falar essa língua linda e complicada dos índios Potoru. Cunhãbuk e os amiguinhos dela também estavam lá, sentados ao redor da fogueira, mas eles não davam um pio, só ficavam rindo baixinho. Não sei se riam do que os índios adultos falavam ou se estavam rindo de mim, ou quem sabe da doutora Maria Teresa, médica do governo que veio comigo no avião. A doutora Maria Teresa tem o cabelo de um louro vivo como o sol, que quase queima de olhar, e os índios deviam estar achando graça nisso. Eu, pelo menos, acho graça. Serviram uma bebida chamada cauim que deixou todo mundo alegre, e a conversa melhorou. Aprendi que pra conversar não tem importância se as palavras são diferentes ou se a gente acha a língua complicada (a gente sempre acha complicada a língua dos outros). É só abrir um sorriso bem aberto, do jeito que os índios Potoru fazem, que a conversa acontece dum jeito ou de outro. Tem hora que ninguém entende nada, e nessa hora todo mundo ri, e aí não entender fica até mais gostoso que entender. E a gente vê que o melhor da conversa é rir enquanto conversa, e acaba rindo mesmo quando entende alguma coisinha.

Hoje acordei com a cabeça rodando, acho que foi de tanto cauim que a gente tomou em volta da fogueira. Uma palavra nova que eu bem me lembro de ter aprendido ontem à noite foi cuandu, que é ouriço-cacheiro, ou porco-espinho. Um amiguinho da Cunhãbuk, bem mais novo que ela, chamado Airí (um encapetado, esse menino), me ensinou essa palavra do jeito mais dolorido: aproveitou que eu tinha ido no mato fazer xixi e colocou espinho de cuandu bem no lugar que eu ia sentar.

...

Cunhãbuk mora numa oca bem espaçosa com seus pais, sua mãe, seus irmãos, suas irmãs, uma tia e o vovô. O chefe da família, que é o marido mais velho da mãe de Cunhãbuk, chama-se Namihu. Cunhãbuk gosta muito dele, mas acha ele meio desengonçado. As outras crianças da aldeia também acham o chefe da família de Cunhãbuk muito engraçado. Todo finalzinho de tarde, Namihu levanta da sesta e sai da oca com aquele seu jeito largadão, peidando, bocejando e futucando o ouvido, e os indiozinhos correm atrás dele fazendo a maior algazarra: Namihu! Namihu! Grita alto a criançada. Até que Namihu (não se sabe se de brincadeira ou zangado de verdade) se vira de repente e solta um arrote enorme, grave e comprido, parecido com o ronco do macaco kiki. A criançada chispa dali como um raio, e os menorzinhos chegam a abrir o bocão de choro. Teve um dia que a mãe de Airí brigou com Namihu porque ele tinha feito Airí chorar o dia inteiro, tremendo de medo do arrote do kiki (Airí bem que mereceu levar esse susto, de encapetado que ele é).

O segundo pai de Cunhãbuk chama-se Namihit. Namihit é o guerreiro mais bonito, mais forte e mais valente da aldeia, e faz as moças todas da aldeia suspirarem com vontade de namorar Namihit. Pena que há muitos e muitos e muitos anos (contam os índios mais velhos) não tem guerra nenhuma pra Namihit mostrar como ele é forte e valente. Sobra só a boniteza e o jeito garboso de andar, que faz tanto sucesso entre as moças da aldeia. Sorte da mãe de Cunhãbuk, que conseguiu conquistar esse gatão. Cunhãbuk gosta muito de Namihit, mas a menina acha que ele pega muito pouco peixe e caça muito pouco acuti pra ter tanta fama de forte e valente.

...

Diário de João Lume, 7 de julho de 2012, de tardinha

Amanhã vamos embora da aldeia e já estou com saudades de Cunhãbuk. Como é fácil entender uma língua diferente quando quem fala essa língua é amigo da gente... Mesmo se for uma amiga bem pequena, assim do tamanho da Cunhãbuk. Conheci outro companheirinho de Cunhãbuk. Ela carrega ele no colo, dá comida pra ele, faz ele dormir, conforta ele quando ele chora. Mas ele não é gente, é um macaquinho, um macaco-bebê. Ela apontou pro bebezinho e me disse: kiki. No começo achei que kiki era o nome dele, mas logo depois, andando pela mata, avistamos, lá no alto de uma árvore, outro bicho parecido. Só que esse era grandalhão, e soltava um ronco grave e comprido, ao contrário do choro fininho do bebê de Cunhãbuk, e aí eu entendi que kiki é esse tipo macaco, que em português a gente chama de guariba.

Antes de sairmos pra mata, tinha acontecido uma coisa engraçada. Passávamos em frente uma oca e vimos um velho saindo, com uma turma de indiozinhos fazendo o maior alvoroço atrás do coitado. Cunhãbuk apontou para o velho, apontou para ela mesma, apontou para o bebê-macaquinho e disse: Namihu. E entendi que Namihu era o pai de Cunhãbuk, e abri minha carteira e mostrei pra ela a foto do Jorginho, meu filho. Então, sem mais nem menos, Cunhãbuk agarrou minhas duas orelhas e puxou com força. Ai!, Gritei. Ela riu às gargalhadas e apontou para o velho Namihu, e disse: Namihu! Apertei os olhos, prestei bastante atenção e matei a xarada. Eu nunca tinha visto orelhas tão grandes como as orelhas do pai de Cunhãbuk! Devem ser essas orelhonas de abano que deixam a molecada da aldeia tão atizada, pensei. E aprendi que Namihu quer dizer orelha grande. Então vi outro índio, mais jovem, saindo da oca todo garboso, e ela apontou pra ele e me disse: Namihit. Não achei um jeito de perguntar pra ela o que quer dizer Namihit.

...

Cunhãbuk não tinha nascido ainda quando a tristeza visitou a aldeia. Os índios viviam quietos há muitos e muitos anos. Às vezes eles se encontravam com outros índios que viviam do outro lado do rio (índios que falavam uma língua bem diferente da língua de Cunhãbuk) e nem lembravam mais da última vez que tinham visto um kirahi. Existiam dois tipos de kirahi. Os castanheiros, gente que andava pela mata coletando castanha-do-pará para vender numa grande aldeia de kirahis chamada Santarém, e os gateiros, gente mal encarada que andava pela floresta de pau-de-fogo na mão para caçar onça. Num finalzinho de tarde, quase no pôr do sol, quando as crianças estavam todas reunidas, brincando no terreiro, entrou um gateiro em plena aldeia, no encalço de uma onça que rondava por ali há vários dias. Os índios da aldeia de Cunhãbuk não tinham medo de onça, mas desconfiavam dos kirahis gateiros e de seus paus-de-fogo. E gritaram para o kirahi sair dali. O kirahi não entendeu uma palavra, mas ficou com medo da voz firme e da cara zangada dos índios, e atirou. O tiro passou de raspão na orelha de Namihit, e a bala foi parar no coraçãozinho de Pijibé, a irmã mais velha de Cunhãbuk. Pijibé tinha só 9 anos e morreu na hora. Os índios ficaram furiosos e atacaram o kirahi. O gateiro fugiu e não se ouviu falar dele por uma semana. Passado esse tempo, quando a lua voltou a ficar cheia sobre a aldeia de Cunhãbuk, o gateiro voltou com mais dez homens, todos kirahis e gateiros como ele, todos empunhando seus paus-de-fogo, e puseram fogo na aldeia. No dia seguinte, os índios choraram suas ocas queimadas, pretinhas, pretinhas, da cor do carvão, e deixaram o corpo de Pijibé na clareira dos igarapés, protegendo a aldeia da gente ruim que vem da terra dos kirahis.

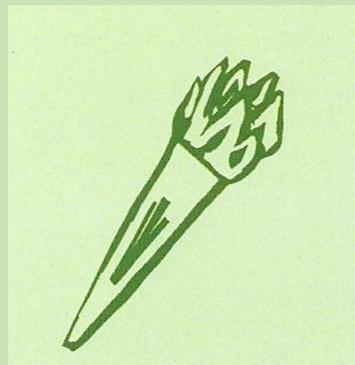
...

Diário de João Lume, 7 de julho de 2012, de noite

Hoje à noite teve conversa na fogueira de novo. A lua ia estar cheia (a maior lua cheia do ano, diziam todos pelo facebook) e eu não via a hora de me sentar com os índios e falar as palavras que eu tinha aprendido com Cunhãbuk: cunhã, que é menina, buk, que é preto, acuti, que é cutia (cauim, a bebida, essa eu já sabia, dos livros que eu tinha lido), cuandu, que era porco-espinho (como me doía lembrar dessa!), kiki, que era guariba, e Namihu, que era o nome do pai de Cunhãbuk e queria dizer orelha grande. Namihu estava lá, sentado em volta da fogueira e eu estava meio com medo de dizer o nome dele (será que ele não vai ficar ofendido?). Mas como eu estava bem alegre depois de ter bebido cauim, arrisquei e gritei pra ele, sorrindo: Namihu! O velho sorriu que sorriu, mas aí as crianças, que até então estavam quietinhas, dispararam a gritar: Namihu! Namihu! E o velho virou pra elas e soltou aquele arrote comprido e grave do macaco kiki e a meninada saiu correndo. Menos Cunhãbuk, que nunca teve medo do arrote de Namihu. E Namihu olhou pra mim e sorriu largo, com os olhinhos apertados de sorriso, como quem diz, sem precisar colocar palavra na voz, que sabia que Cunhãbuk gostava de mim. Então o velho Namihu disse: kirahi. E Cunhãbuk apontou pra mim e apontou pra doutora Maria Teresa e eu entendi que kirahi era gente que não era índio. Pelo menos não era índio da aldeia de Cunhãbuk. Não era Poturu.

Namihit também estava sentado em volta da fogueira. Mas ele olhava sério pra mim. Então eu disse, olhando pra ele: Namihit. E Namihit de repente ficou triste. Levantou-se e foi caminhando, cabisbaixo, em direção à sua oca. Logo Namihit, que parecia (pensei eu) tão garboso no jeito e no andar. Eu olhei para Cunhãbuk e disse a ela, como quem pergunta: Namihit? Ela pegou um graveto, colocou na fogueira e encostou o graveto em brasa na minha orelha! Levantei assustado, e todos riram. Entendi que Namihit deve ser orelha de fogo, ou orelha queimada. Mas não entendi porque Namihit tinha ficado tão triste quando eu disse o nome dele.

O fogo amarelo brilhava dentro dos olhos de todo mundo que estava sentado em volta da fogueira. E lá no alto parecia que tinham acendido outra fogueira: a lua enorme, amarela como a flor do acapu, amareliluminando o céu preto-carvão da aldeia. Eu aponte para os cabelos amarelo-ouro de Maria Teresa, aponte para a fogueira e disse: fogo. Todos riram muito, principalmente as crianças. E então eu disse a Cunhãbuk que meu nome era João Lume (eu disse isso a ela só com o olhar, ou talvez só com o sorriso, ou talvez balbuciando em português: agora, deitado em minha rede, escrevendo este diário, já não lembro bem de tudo o que aconteceu nessa noite mágica). E eu disse a ela que Lume, na língua galega que falavam os avós dos meus avós, quer dizer fogo. E Cunhãbuk apontou para mim e me chamou pelo meu nome: Tatá. Tatá é fogo.



Beto é professor, escritor e linguista, e participa do Livro de Graça na Praça desde 2008. Apesar de ter mais de 40 anos, usa calça curta até hoje. É pai das cunhãs Tábata e Ariel.